

LIMA BARRETO X FUTEBOL: O JOGO DAS CRÔNICAS

Introdução

A sociedade brasileira dificilmente poderá ser explicada e traduzida num contexto alheio às grandes paixões do povo brasileiro, entre elas, o futebol. Nesse sentido o estudo tem como objetivo analisar as crônicas de Lima Barreto e as críticas e denúncias que o literato tecia ao futebol no início das primeiras décadas do Século XX.

No decorrer deste estudo, adotaremos como fonte de nossas interpretações as crônicas de Lima Barreto, onde, nitidamente, aparecem os fenômenos que procuramos. Trata-se de analisarmos suas crônicas, intituladas e referentes ao futebol e a sociedade carioca no início do Século XX. O processo metodológico consiste analisar as categorias socioantropológicas que aparecem em suas crônicas no período de 1910 a 1922, entre essas especificamente as que tematizam a obsessão pela origem social e étnica, as emocionadas descrições dos subúrbios cariocas, as periferias urbanas, a divisão de classes, a exclusão social e a relação do Governo com a elite carioca.

Como sabemos os fenômenos sociais ganham certa profundidade analítica/ou de análise quando focalizados numa perspectiva histórica. Assim, o estudo a ser empregado, oferece fartos elementos teóricos para a reconstrução de uma história das relações e suas estruturas, visto através da literatura brasileira, por um dos mais destacados literatos do início do século XX.

A Literatura do Futebol Brasileiro

A literatura a respeito da história do futebol no Brasil, qualitativamente não permite referências profundas análise, pois publicações no decorrer do início do Século XX até os anos de 1970, a sociologia, antropologia, filosofia e história poucas contribuições foram dadas sob essas perspectivas. O que se tem são obras que, no seu conteúdo, referem-se à narrações/crônicas, contos, casos e “causos” ocorridos, nos contextos do futebol, com os seus atores, como acentua Soares et all. (2011) [...] No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte (SOARES *et all*, 2011).

Construída e narrada à luz das referências particulares dos autores, a bibliografia histórica pertinente ao futebol traz passagens de situações de jogadores e dirigentes deste esporte, embebidas, de certa forma, em um diletantismo exacerbado de cronistas e amantes deste esporte, que ora transparecem um romantismo contagiante, ora glorificam seus ídolos; e, em outros momentos, caracteriza-os à luz de suas considerações pessoais, conservando simpatias ou destituindo sarcasticamente o ídolo o qual faz referências.

No esporte, o Brasil é um país sem leituras, principalmente, quando levantamos reflexões do seu passado. Essa afirmação ganha notoriedade quando saudosamente falamos do futebol lembrando a Copa do Mundo de 1950, e os feitos dos “heróis” de 1958 e 1962. As lembranças do futebol são datadas e tratam, porque não dizer, exclusivamente de jogos de futebol e não do futebol como instituição esportiva que implica em relações diretas e indiretas à sociedade sejam elas de cunho social, político e econômico. A falta dessas publicações, entre outras, é que nos faz empreender este estudo.

Lima Barreto e suas crônicas

Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 1881. Teve uma infância sem muitos privilégios, estudou no Liceu Popular Niteroiense. Em 1897, ingressou na Escola Politécnica e lá ganhou diversas reprovações injustas. Procura ler os intelectuais da época embora sentisse aversão pelo positivismo e o militarismo. Em 1902, colabora em *A Lanterna*, órgão oficioso da mocidade das escolas superiores. Assina como *Alfa Z* e *Momento de inércia*. Em 1905, ingressa no jornalismo

profissional, no jornal *Correio da Manhã*, atividade que divide com a militância política no *Comitê do Partido Operário Independente*. Em 1916, participa da luta radical do jornalismo militante de esquerda, apoiando a plataforma libertária do pensamento anarquista, que, em 1917, desencadeia em São Paulo uma das maiores greves da história operária brasileira. Usando uma linguagem despojada e inconformista, Lima Barreto desdenha em ironia e ataca as manobras burocratas, demascara os exploradores da credulidade pública e traz a público os desmandos dos governantes. Emprega o humanismo na defesa dos oprimidos e procura compreender as atividades intelectuais em geral.

Nesse artigo as críticas de Lima Barreto podem ser analisadas em dois momentos: no primeiro tem-se o conhecimento da política do preconceito e da possibilidade de branqueamento da sociedade/povo brasileiro. E, no segundo, utiliza-se o futebol para mostrar as manobras da elite da época. São em seus escritos publicados nas coletâneas *Marginália* e *Feiras e Mafuás* que encontramos as crônicas onde o futebol da época é alvo de suas críticas.

As críticas de Lima Barreto

Do futebol do início do século, prestigiado pelas mulheres de chapéus e leques em mão e dos homens bem vestidos, sentados às arquibancadas, quase não identificamos mais esse gênero nos estádios atuais, salvo às apelações da imprensa para que o público feminino volte a frequentá-lo.

O universo do futebol, no início do século, marcou/caracterizou radicalmente a divisão entre classes. Para jogar futebol devia-se, ao mínimo, falar inglês. Não era o *futebol*, mas o *football*. E entre *back*, *forwards*, *fall* e *foul*, aos poucos, a fundação de clubes futebolísticos associados cerravam ainda mais essa divisão, simbolizada/manifestada nas ações *clubísticas*, onde a *estrangeirice* transplantada via Atlântico era latente. De um lado, havia a fina elite pós República semelhante ao *jeito de ser* europeu; e, de outro, havia a grande massa de pobres e sub raças, constituídas por pretos e mestiços, fora desse contexto.

Foi assim que Lima Barreto, precisamente por volta de 1920 a 1922, publicou diversos artigos ironizando o futebol. Observando suas publicações, encontramos as crônicas *Uma conferência esportiva*, *Bendito Football*, *Educação Física*, *Memórias da guerra*, *O trem dos subúrbios*, *As glórias do Brasil*, todos incluídos em *Feiras e Mafuás*. Temos ainda as crônicas *País rico*, *Variações*, *Bônus da independência*, entre outras, que versam sobre o futebol, publicado em *Marginália*.

Preenchidas com certo nacionalismo, L. Barreto combatia o futebol, mesmo sabendo que seus flancos estavam à mostra para posterior rebates da crítica jornalística da época. Indignado, não poderia, permitir que um esporte da elite carioca/fluminense pudesse ser confirmado como um esporte *agregário* e educativo, representando a face elitista da República junto ao povo. Tampouco pudesse ser tido como um esporte heróico, pois na sua essência figurava a segregação, o preconceito social e racial, marca tênue das atividades futebolística e *clubística* da época.

Em 1920, L. Barreto publica a crônica “Bendito football”, relatando as notícias do *Correio da Manhã*, de 17 de setembro, noticiando que o *Colégio de Futeboleiros* se reunira secretamente para decidir se podiam levar à Buenos Aires, jogadores que tivessem, nas veias um pouco do sangue negro – “homens de cor, enfim”. Barreto faz críticas às idéias *eugenistas* da época, embora tenha respeito ao cunho científico que elas apresentam/representavam. Essas idéias, no entender de Barreto, contrariam quase a metade da população do Brasil, na sua maioria mestiça e negra. Não esconde sua indignação dos cartolas do futebol, em preterir o jogador negro da seleção nacional, com aval do Governo Republicano. Denuncia que o não selecionamento de negros e mulatos era uma forma do estrangeiro não ver e conhecer a *miscegenação*. Em seu artigo, Barreto expõe o arrojo dos representantes esportivos em apelar para o Presidente da

República “de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano” (Feiras e Mafuás). Sua crítica à elite que veta o negro como um objeto malgrado para a sociedade brasileira, já era ato de sarcasmo pelos próprios latinos, os argentinos não distinguiam no brasileiro as cores. Todos eram conhecidos como *macaquitos*. Diante de tais atitudes, Barreto denuncia: que no intuito de levar ao exterior a mais *pura raça* brasileira, o Estado contratou até antropólogos para examinar “os enviados extraordinários e ministros plenipotenciários da Pátria”, onde nessa comissão de antropólogos, “fazem parte as grandes inteligências arianas e ilustres desconhecidos [...] doutos todos em várias coisas e também deputados federais.

Barreto tinha pleno conhecimento do plano eugênico racial. Barreto tinha conhecimento que não eram as raças/mestiçagens que tornavam o Brasil inviável, pois com uma política de investimento social poderia viabilizar o país, colocando-o frente às condições de desenvolvimento. Lima Barreto critica e denuncia a subvenção do Governo ao futebol, dizendo “o que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as *sociedades futebolescas* e seus tesoureiros fiéis [...], pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor”. E lançando toda sua ironia, propunha que o Governo retirasse as subvenções do povo rural e as destinasse ao futebol. Pois, por esse povo já ser dizimado pelas doenças endêmicas, o Brasil ficaria, ao mesmo tempo, mais rico e mais branco, e, as gentes de cor “acabariam desaparecendo pela ação da malária [...].”

Em suas crônicas, Barreto dificilmente deixava de falar da intenção do Governo quanto à política social. Em seu ataque ao futebol, entendia-se que o mesmo aparecia como estratégia para *eugenização* e aprimoramento da raça. Barreto era enfático. Acreditava que a via correta estava na Educação Física, pois ela era desinteressada e não criava obstáculos para a participação da criança e do jovem negro/mulato. Interessante ver o que fala Lima Barreto acerca da educação física:

[...] Confesso que, quando fundei a Liga Brasileira Contra o Futebol, não tinha como ainda não tenho qualquer erudição especial no assunto, o que não acontece com o Dr. Mendonça. Nunca fui dado a essas sabedorias infusas e confusas entre as quais ocupa lugar saliente a chamada Pedagogia; e, por isso, nada sabia sobre educação física, e suas teorias, nas quais os sábios e virtuosos cronistas esportivos teimam em encaixar o esporte (Careta, 8.4.1922).

A elite, dominando o futebol, dirigiria os organismos de decisões. O autor tinha pleno conhecimento dessa estratégia, e entendendo que o futebol figurava nas mãos de uma classe, não poderia o Estado subvencionar e se colocar diante dos interesses desta.

Ironizando sempre, Barreto não poupa críticas às intenções de dirimirem parte da população dos arrabaldes. Em Feira e Mafuás publicado em 01.10.1921, vemos: “Os maiores déspotas e os mais cruéis selvagens martirizam, torturam as suas vítimas; mas as matam afinal. Matem logo os de cor; e viva o football”. Continuava dizendo: “o papel do futebol é causar *dissensões* no seio da vida nacional”, onde procurava citar brigas entre brasileiros e uruguaios, cariocas e paulistanos; Barreto colecionava artigos de jornais que traziam notícias relacionadas as contendas do futebol. O que Barreto não via é que o futebol poderia se constituir não tão somente em um fim *desagregador*, como também, em um esporte de violência. O futebol poderia se constituir como um meio de agregação da classe trabalhadora, realidade na época difícil de ser observada, pois a sua prática estava circunscrita à camada social mais abastada e os clubes na sua maioria pertenciam à elite urbana. Porém, mais tarde, alguns sindicatos dos trabalhadores passaram a utilizar o futebol como meio de agregação da classe.

Na relação produção/trabalho e utilidade social Barreto pergunta: que utilidade para a sociedade traz esse dispêndio de energia? Para que serve e que proveito tem à sociedade, esses chutes e pontapés numa pelota? (Feiras e Mafuás). Suas denúncias no universo jornalístico e literato da época Lima Barreto romperam com a linguagem coloquial que os literatos da época escreviam. Sua coerência na linguagem estava em uma posição militante e uma causa, a qual ele encarou com ceticismo, pois o jornalismo elitista da época estava disfarçado de preconceitos *eugenísticos*. Aliás, ele mesmo diz na crônica *Não queria mas...* publicada em 06.06.1922 (Careta), [...] já tinha disposto a não falar mais em semelhante coisa de *football*; entretanto não me é possível deixar de fazê-lo, porquanto isto é uma campanha de honra a que me entreguei e não abandono.”

Finalizando e classificando as análises dos estudos

No entanto, a guisa de uma conclusão classificamos as críticas de Lima Barreto ao futebol: a) Lima Barreto interpretava o futebol como nocivo à agregação da grande massa, entendendo que o mesmo poderia ser mais um instrumento de dominação *político-ideológico* por parte do Estado; b) a oposição de Lima Barreto ao futebol, era em decorrência de ser nitidamente voltado e praticado pela elite da época; c) devido o Estado patrocinar um esporte, na ocasião, entendido como *segregador*.

Em resumo, pode-se afirmar que o momento de transição entre os séculos XIX e XX foi também de transição nos valores expressados e cultuados pela sociedade brasileira, consequência da mudança do regime. Nesse período, muitos preconceitos foram cristalizados, pois fazia parte do ideal da república que o país mostrasse somente as belezas, a população culta e nobre, aspectos dignos de serem apresentados aos estrangeiros. Para isso, muitas mudanças arquitetônicas ocorreram no Rio de Janeiro.

Lima Barreto, negro e pobre, escrevia contra a renovação dos preconceitos e a elitização da linguagem, principalmente na literatura. Uma linguagem em suas crônicas que rompe com o tradicionalismo da linguagem portuguesa. Essa característica, entretanto, era sua forma de se aproximar do povo, de mostrar que aquilo que se via era um falso Brasil.

Juliana Guimarães Saneto
Rua Itália, 11 – Portal de Jacaraípe – SERRA ES
c-eletr. jsaneto@yahoo.com.br